

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

JOANA KAROLINE BARROS VALENTIM

**O MÉTODO COMUNICATIVO COMO PRÁTICA DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM DOS DOCENTES DE LIBRAS COMO L2 DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM**

MANAUS  
2018

JOANA KAROLINE BARROS VALENTIM

**O MÉTODO COMUNICATIVO COMO PRÁTICA DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM DOS DOCENTES DE LIBRAS COMO L2 DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM**

Trabalho de Conclusão de Curso Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas, realizado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em LETRAS - LIBRAS.

VANESSA NASCIMENTO DOS SANTOS DE OLIVEIRA

MANAUS  
2018

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**JOANA KAROLINE BARROS VALENTIM**

### O MÉTODO COMUNICATIVO COMO PRÁTICA DE ENSINO- APRENDIZAGEM DOS DOCENTES DE LIBRAS COMO L2 DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

Trabalho de Conclusão de Curso Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas, realizado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em LETRAS - LIBRAS.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Componentes da banca examinadora:

---

Profª Esp. Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira.  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Esp. Leonardo Pessoa da Costa.  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

---

Profª Me. Mary Andrea Xavier Lages.  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

MANAUS  
2018

De forma especial a minha orientadora Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira, que esteve me guiando pelo caminho da excelência não apenas neste trabalho como também em todo curso.

À professora Mary Andrea Xavier Lages e ao professor Leonardo Pessoa Costa que são exemplos de profissionais.

À minha família e ao meu noivo, que sempre serão os meus bens mais preciosos.

A todos aqueles que contribuem para o crescimento dos estudos da Língua Brasileira de Sinais.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, sobretudo pela dádiva da vida;

A Universidade Federal do Amazonas pela oportunidade e concessão da bolsa de estudos;

A minha orientadora Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira que esteve ao meu lado, me aconselhando e incentivando a realização desta pesquisa.

A todos os docentes do curso de Letras-Libras que doaram pouco do seu tempo para colaborar com a pesquisa através das entrevistas.

E não poderia deixar de agradecer a minha família e ao meu noivo, pelo apoio e incentivo durante toda a minha graduação.

“Nós estamos tentando levar nossos alunos a desenvolver fluência, e não apenas a exatidão normativa que tem consumido na jornada histórica. Nós estamos preocupados de que forma facilitar a aprendizagem de vida longa entre nossos alunos, e não apenas com a tarefa de sala de aula imediata. Nós estamos olhando para nossos alunos como parceiros em uma aventura cooperativa. E nossas práticas de sala de aula visam alcançar seja lá o que for que intrinsecamente desperte os aprendizes para alcançar seu maior potencial.”

*Douglas Brown*

## RESUMO

Visto que a Língua Brasileira de Sinais tem se expandido cada vez mais não apenas na comunidade surda, mas também para os ouvintes, a procura por cursos e capacitação na área tem crescido nos últimos anos. Um exemplo disso é a disciplina de Libras A/B dentro da Universidade Federal do Amazonas- UFAM que além de ter o curso de Licenciatura em Letras Libras também oferece essa disciplina para melhor capacitação de qualquer profissional, com isso a metodologia que os professores utilizam para melhorar o ensino da Língua tem sido cada vez mais didática. O presente trabalho tem por objetivo analisar como o método comunicativo tem contribuído para a prática de ensino aprendizagem dentro da sala de aula em uma abordagem qualitativa, através de entrevistas realizadas com o corpo docente de Letras Libras da Universidade. Assim também é intenção deste trabalho permitir reflexões a cerca do tema, dialogando com alguns teóricos como: Gesser (2010), Oliveira (2014), Souto (2014), Spinassé (2006), Vigotski (1998) entre outros. A minha proposta é que esse artigo venha ajudar futuros docentes na área do ensino de Libras e também que a partir dessa pesquisa muitas outras na mesma perspectiva possam surgir.

**Palavras-chave:** O Método comunicativo; Segunda Língua; Professores de Libras.

## ABSTRACT

Since the Brazilian Sign Language has been expanding not only in the deaf community but also for the listeners, the demand for courses and training in the area has grown in recent years. An example of this is the discipline of Libras A / B within the Federal University of Amazonas - UFAM, which, besides having a licentiate course in Libras, also offers this discipline for the better qualification of any professional, with the methodology that teachers use to improving language teaching has been increasingly didactic. The present work aims to analyze how the communicative method has contributed to the practice of teaching learning within the classroom in a qualitative approach, through interviews with the faculty of Letras Libras of the University. Thus, it is also the intention of this work to allow reflections about the theme, dialoguing with some theorists as: Gesser (2010), Oliveira (2014), Souto (2014), Spinassé (2006), Vigotski (1998) among others. My proposal is that this article will help future teachers in the area of teaching of Pounds and also that from this research many others in the same perspective may arise.

**Key-words:** The Communicative Method; Second language; Teachers of Pounds.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**Libras** – Língua Brasileira de Sinais (termo é usado nacionalmente e legalmente)

**EAD** – Ensino a Distância

**L2** – Segunda Língua

**Disciplina Libras A** – Obrigatória para cursos de Licenciatura em Língua – Portuguesa na UFAM. Código IHP122

**Disciplina Libras B** – Obrigatório para as demais Licenciaturas e livre para cursos de Bacharelado da UFAM. Código IHP123

**ASL** - American Sign Language – Língua Americana de Sinais.

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11-12</b>
<b>1. LÍNGUA e SEGUNDA LÍNGUA – L2.....</b>	<b>13</b>
<b>2. O MÉTODO COMUNICATIVO.....</b>	<b>14-17</b>
2.1. Abordagem Natural.....	17
2.2. Abordagem Comunicativa.....	18-27
2.3. Abordagem Intercultural.....	27-28
2.4. Abordagem Baseada em Tarefa.....	28-30
2.5. Abordagem Lexical.....	30-32
<b>3. MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>32-34</b>
<b>RESULTADO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36-37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38-39</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>41</b>

## **INTRODUÇÃO.**

Com o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, o Ensino de Libras como L2 passou a ser inserido como disciplina curricular obrigatória nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia no Ensino Superior (Art. 3º). Com isso a Universidade Federal do Amazonas – UFAM foi um dos 9 pólos do curso de Licenciatura em Letras Libras em 2006 tendo aulas de EAD.

No ano de 2014 o curso de Licenciatura em Letras – Libras passou a ser presencial, com professores surdos e ouvintes qualificados, junto com ele a UFAM passou a oferecer a disciplina de Libras A obrigatória para os cursos de Licenciatura em Língua – Portuguesa e a disciplina de Libras B obrigatória para as demais Licenciaturas e optativa para os demais cursos de Bacharelado da Universidade. Com essa demanda de alunos, os professores de Libras tem buscado conhecimento para aplicar na sala de aula, buscando novas metodologias e estratégias para o ensino da Libras como L2, que segundo Spinassé (2006), L2 é uma não-primeira língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. Mais a frente esse conceito ficará mais claro.

Levantamos aqui então a hipótese: o método comunicativo supriria tamanha necessidade de aulas interativas e eficazes para o ensino aprendizagem da Libras como L2? Ou melhor: este já não é usado pelos docentes do curso de Letras Libras ao ministrarem a disciplina de Libras A/B?

A importância desta pesquisa para a Língua Brasileira de Sinais é não apenas pensando em um patamar acadêmico, mas numa sociedade em geral, visto que a Libras tem se expandido a cada dia e gerado interesse em diferentes áreas. Com isso surge um aumento da necessidade de aprendizagem e é necessário que os professores de Libras estejam preparados para atender diferentes tipos de público e fazer com que os seus alunos atinjam o êxito e isso só será feito com aulas interativas, que tenham como foco a língua alvo, seus valores, cultura, mas usando um contexto propício ao cotidiano dos seus alunos, usando o método comunicativo.

Os objetivos da pesquisa são:

- Apresentar o Método Comunicativo como uma forma eficaz para o ensino aprendizado da Libras como L2;

- Narrar as estratégias usadas dentro de sala de aula pelos professores do corpo docente de Letras-Libras, com as abordagens apresentadas do método comunicativo dentro da Universidade Federal do Amazonas - UFAM;

A pesquisa foi realizada com materiais bibliográficos, através de pesquisas e autores que abordam este tema. Também foram realizadas entrevistas com seis docentes surdos e ouvintes do Curso de Licenciatura em Letras Libras, com perguntas relacionadas à suas experiências como professores de Libras como L2.

Entendemos que os participantes da pesquisa não são apenas números em uma tabela e sim pessoas que são co-responsáveis pelo processo de criação e recriação de conceitos, opiniões e conhecimentos, então a abordagem qualitativa também responde a necessidade dessa pesquisa.

O trabalho a seguir tem o seu desenvolvimento dividido em duas partes, a primeira vem tratar sobre os conceitos de Língua e Segunda Língua na visão de alguns autores importantes na área, que esclarecerão dúvidas a cerca dessa temática, afinal, esse é o objeto de estudo da pesquisa.

Em seguida falaremos sobre o método comunicativo e suas cinco abordagens: Abordagem Natural; Abordagem Comunicativa; Abordagem Intercultural; Abordagem Baseada em Tarefas e Abordagem Lexical e de que forma tem sido usados dentro da sala de aula, como estratégia para ensino de uma segunda língua.

## 1. DEFINIÇÃO DE LÍNGUA E SEGUNDA LÍNGUA – L2

O conceito de língua perpassa diferentes linhas teóricas, como por exemplo, para Saussure é o “produto social da faculdade da linguagem”, pode ser também “um conjunto de conservações necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício da linguagem”. Já para Santos (2002): “a língua é, portanto um sistema de signos cujo seu funcionamento repousa sobre um determinado número de regras, de correções. É um código que pretende estabelecer uma comunicação entre emissor e receptor”. A partir desses fatores podemos dizer que língua é um sistema de signos que nos permite interagir com as pessoas, formando assim a sociedade, ou seja, é essencial para o ser humano.

Já a segunda língua (L2) é qualquer língua aprendida após a primeira língua ou língua materna (L1). Não é necessariamente uma língua que está sendo numerada na ordem em que se é.

Segundo Spinassé (2002) “a situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. Para o domínio de uma SL<sup>1</sup> é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade”. Em concordância com a fala da autora, ELLIS (1986 e 1994) defende o ponto de vista de que a diferenciação não deve estar em fatores psicolinguísticos, mas sim em sociolinguísticos “o idioma desempenha um papel institucional e social na comunidade”

A partir da fala das autoras podemos então dizer que a Libras no Brasil ocupa para muitas pessoas o papel de uma segunda língua, já que através desta, podemos interagir com os surdos.

---

<sup>1</sup> SL – Segunda Língua.

## 2. O MÉTODO COMUNICATIVO

Tendo uma visão mais clara sobre a Língua e Segunda Língua, partiremos então para o foco da nossa pesquisa que é o método comunicativo aplicado ao ensino de Libras.

Começou a surgir no ano de 1970 - 1980, vários linguistas aplicados vislumbravam o ensino de língua estrangeira focando na comunicação, essas propostas começaram a ganhar espaço no ensino de Línguas Estrangeiras, deixando para trás o método audiolingual<sup>2</sup>, porém, diferente dos outros métodos, não podemos citar um único autor como responsável, pois muitos contribuíram, entre eles: Halliday (1969), Littlewood (1984), Wilkins (1971), Widdowson (1986) ente outros.

Esse método surgiu a partir da necessidade de se desenvolver de forma prática na língua estudada.

Muito do considerável desenvolvimento atual no ensino de línguas pode ser visto como uma resposta e um problema do qual os professores têm consciência há muito tempo. É o problema do estudante que pode ser estruturalmente competente, mas que não consegue se comunicar adequadamente (Jhonson, 1994: 192)

Para solucionar problemas como esses, surgiram algumas propostas novas de ensino aprendizagem, o método comunicativo que é dividido em cinco abordagens: abordagem natural, abordagem comunicativa, a aprendizagem baseada em tarefas, a abordagem lexical e a abordagem comunicativa intercultural. Todas elas compartilham dos mesmos aspectos teóricos, segundo Oliveira (2014):

- a) A língua é concebida como interação social, como comunicação e, por isso, não é considerada neutra quando está em uso;
- b) As estruturas gramaticais não são o eixo em torno do qual as aulas devem girar, mas são alvos de atenção do professor no sentido de auxiliar os alunos a aprenderem a usar tais estruturas adequadamente;

---

<sup>2</sup> O método audiolingual começou no ano de 1900, foi fortemente influenciado pela teoria behaviorista do psicólogo de Harvard B.F. Skinner que dizia que os seres humanos podem ser treinados com um sistema de reforço. Assim, quando uma criança pequena diz “para cima” e ela é levantada, ela se lembrará da experiência e seu entendimento do mundo irá se aprofundar, de forma que, ela estará mais propensa a utilizar a palavra de forma correta no futuro.

- c) O aprendiz não é visto como um papagaio ou uma esponja, mas sim, como um ser capaz de construir seus conhecimentos e de negociar sentidos nas interações sociais;
- d) O professor tem o papel de facilitar a aprendizagem dos seus alunos e não é apenas um modelo a ser imitado, ou seja, os alunos possuem autonomia para se desenvolver;
- e) Os erros dos alunos são tolerados porque são vistos como parte integrante e natural do processo de aprendizagem;
- f) O objetivo do ensino é auxiliar o aluno a desenvolver sua competência comunicativa, o que implica a construção de conhecimentos gramaticais discursivos da língua assim como de estratégia de compensação e de comunicação.

A partir do método comunicativo faremos uma narrativa sobre os métodos dos professores surdos e ouvintes entrevistados, tal entrevista baseia-se em perguntas relacionadas ao ensino de Libras. Não serão colocados aqui os nomes dos professores que aceitaram colaborar com essa pesquisa, os participantes serão identificados com o P de professor e respectivamente um número para diferenciar um participante de outro, ficando então P1, P2, P3 e assim respectivamente.

**Tabela 1 – Tópico: Quando começou a ensinar Libras como L2? Relate um pouco da sua experiência.**

Pessoas	Resposta
P1	Comecei a ministrar na Martha Falcão na década passada com uma turma mista (a maioria ouvinte) e passei a ensinar o que a Libras propõe usando com dinâmica ativa para deixar a turma atenta e interessada, como as brincadeiras de mímica. Sempre mostro os filmes relacionados à cultura surda e usando minha experiência pessoal para que eles possam entender o que significa. E também diálogos cheio de humor para entreter a turma, para aprimorar os reflexos e a percepção.
P2	Iniciei em uma Instituição particular que se chama Sistema Educacional Chaplin, é uma instituição particular. Tinha dezenove anos na época e comecei nas turmas livres e de formação de professores da capital Goiânia e cidades do interior de Goiás.

**P3**

Como comecei a minha experiência de Libras como L2? Então já tinha experiência como L2, porque eu cresci oralizada dentro de grupos ouvintes, com 24 anos que comecei a frequentar a comunidade surda, comecei a aprender Libras, eu já sabia a história e fui associando. Em 2007 eu comecei a aprender, eu junto com interpretes aqui de Manaus e também de fora. Ficava observando e pegando o jeito e então comecei a aprender a como ensinar L2 para ouvintes. Então eu já tenho uma experiência que foi se construindo com o tempo. Ensino certo. Tenho contato com ouvintes que usam libras até hoje

**P4**

Comecei a ensinar Libras como L2 quando passei no concurso e comecei a trabalhar na Ufam em 2010 com os cursos de Licenciatura como disciplina obrigatória e para outros cursos como optativa.

**P5**

Iniciei na carreira como docente em 2011 na Ufam para ministrar a disciplina de Libras A/B para as Licenciaturas, no início foi um desafio, pois haviam poucos materiais na área, tudo o que eu havia experienciado até aquele momento eram os cursos de Libras do CAS (básico, intermediário e avançado) e a experiência como tutora na graduação do Letras Libras da UFSC, como o passar do tempo fui adaptando materiais para as aulas e sempre que possível utilizava materiais produzidos pelos próprios surdos. Acreditando que o objetivo maior da disciplina de Libras A/B na formação dos futuros professores era expor os mesmos a um contexto de contato com os surdos desmistificando algumas falácias que permeiam a língua de sinais e o surdo, como na Ufam não existe uma escola de aplicação, algumas atividades são trabalhadas com vídeos de surdos e ao final da disciplina os futuros professores apresentam uma aula com atividade na sua área de formação em língua de sinais na modalidade visual, sem o uso da fala, o objetivo é simular o ambiente da escola ministrando aula para crianças surdas.

**P6**

Eu comecei em outubro de 2017, num curso de Libras Básico que era fornecido por uma clínica médica, esse curso era oferecido por essa clínica como contrapartida social pra diminuição de imposto e ele era oferecido para pessoas com problemas auditivos, então, algumas pessoas com perda leve né de audição?! Que tinham problemas que iriam se agravar com o tempo, então por necessidade eles deveriam aprender Libras, então era um curso básico de Libras de 3 meses.

---

Fonte: Dados coletados da entrevista

Segundo a ideia dos autores Wilcox e Wilcox (2005) a cerca do ensino de ASL (American Sign Language): os professores devem aprender quais os materiais que estão disponíveis; como avaliá-los e utilizá-los; como elaborar e implementar um currículo de ASL; como desenvolver estratégias de ensino efetivas e avaliar o desempenho dos alunos; e como incorporar a cultura Surda nas aulas de ASL. Aproveitando esse estudo para o ensino da Libras no Brasil, as abordagens a seguir vem tratar a cerca da fala dos autores sobre o ensino de Língua de Sinais.

## 2.1 ABORDAGEM NATURAL

Desenvolvida por Tracy Terrell e Krashen nos anos de 1970. Segundo Krashen (2014: 138) a Abordagem Natural apresenta os seguintes princípios:

(1) O tempo de aula é primeiramente dedicado a fornecer *input* para a aquisição:

Esse momento em sala de aula é importante, pois, muitos alunos só o têm naquele momento seja por uma rotina corrida ou falta de interação com o meio que usa a língua alvo diariamente. O momento de input faz com que a língua alvo seja usada até que se crie maior afinidade, não é um processo decorativo e sim um momento de estímulo da mesma.

(2) O professor só fala a língua-alvo na sala de aula:

Os alunos podem falar a língua alvo ou a sua língua materna. No caso de eles optarem pela língua-alvo, o professor só corrige erros dos alunos se esses erros atrapalharem seriamente a comunicação, como no caso de uma palavra que mude todo o significado de uma frase. Isso faz com que o aluno crie confiança ao produzi-la, entendendo que os erros fazem parte desse processo de aprendizagem e muitos deles são corrigidos a partir da repetição.

(3) A gramática pode ser incluída nas atividades para casa:

Os deveres de casa podem ser divididos de forma teórica, como leituras explicativas a cerca da gramática e função de cada coisa na língua alvo.

(4) Os objetivos do curso são semânticos:

Ou seja, a comunicação é o que importa. O ambiente deve ser propício à comunicação. Como aulas focadas em ensinios vocabulários.

## 2.2 ABORDAGEM COMUNICATIVA

Na abordagem comunicativa, os conceitos 'atividade', 'interação social', 'motivação' e 'postura comunicativa' exercem um papel fundamental.

Em relação às atividades, Richards (2006), destaca que a aquisição da competência comunicativa na língua-alvo requer atividades focalizadas no desenvolvimento da comunicação na língua alvo. Atividades centradas refletem o uso correto da língua em contextos de aprendizagem formal e monitorada. Atividades focalizadas na fluência refletem a comunicação real e o uso natural da língua em contextos situacionais, bem como o uso de estratégias de comunicação. Estas atividades permitem ao aluno interconectar as diferentes habilidades (por exemplo; a produção e compreensão dos sinais) e aplicar o aprendido.

**Tabela 2 – Tópico: Qual a metodologia que você utiliza para ensinar LIBRAS como L2? Quais são suas bases teóricas?**

Pessoas	Respostas
P1	A primeira coisa que eu sempre mostro é teoria, história, como é a surdez, como que é a história. Depois começa a prática, mas a prática eu não faço rápido não, faço devagar, cada um vai aprendendo seu sinal, aí depois começa a prática, diálogo e outros.
P2	Na época ainda não tinha graduação, mas utilizava de forma comunicativa e contextualizada.
P3	Minha metodologia é usar slide, teatro, música, (mas uso pouco a música a maioria dos alunos são ouvintes e pedem música em Libras), também uso apostila que eu mesmo faço, com imagem e sinais que explicam como começar a aprender as frases, a gramática, eu mesmo faço pra ensinar L2. Essa é a minha metodologia. Na minha base teórica eu uso Ronice Muller, Capovilla, tem vários, dependendo da situação eu escolho.
P4	Não tenho uma metodologia específica e nem única para trabalhar porque compreendo que o contexto de ensino e de aprendizagem de línguas é complexo, que estão relacionados a alguns fatores como por exemplo: variação de lugar pra lugar, de grupos para grupos, com cargas horárias

---

diferentes e que nenhuma metodologia consegue dar conta da composição heterogênea desse contexto de aprendizagem. Constantemente tenho ministrado a disciplina Libras para grupos de cursos de graduação distintos, alguns de licenciatura e outros de bacharelado, tenho alunos das engenharias, da medicina, do direito e por aí vai. Comungo da ideia de que, uma abordagem eclética com categorias variadas contribua bastante para uma aprendizagem mais significativa para os aprendizes, sempre levando em consideração o contexto, as situações e as necessidades. Aprecio o método de ensino comunicativo por possibilitar uma interação maior, mas não deixo de lado a abordagem estrutural-gramatical e não esqueço também da abordagem afetivo-humanística devido a auto realização e socialização do grupo.

Para corroborar com essas assertivas ressalto as palavras de Gesser que diz:

“Resulta daí o entendimento de que a competência gramatical/estrutural de uma língua é apenas uma parte do processo de aprendizagem, já que questões de interação intercultural devem também ser enfatizadas para efetivamente fluir no desempenho linguístico”.

**P5**

Na verdade são utilizadas várias abordagens metodológicas dependendo da turma a metodologia sempre será adaptada. Uma abordagem mais estrutural quando trabalhamos a parte da estrutura gramatical de forma superficial a abordagem comunicativa com apresentação de vídeos sinalizados por surdos onde trabalhamos na pratica a parte estrutural da língua e introduzimos novos sinais esclarecendo as dúvidas, em alguns momentos o método clássico/método quando os alunos fazem a tradução dos vídeos e observam a aplicação da gramática dentre outros. Como base teórica trabalhamos com Almeida Filho 1998 Dimensões comunicativas no ensino de línguas, Wilcox & Wilcox, 1997, Tânia Felipe em 1993 “Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes”, Audrei Gesser 2010 metodologia de ensino em Libras como L2 e Vilson Leffa.

**P6**

Assim... como eu estou ministrando a disciplina agora, a gente ta estudando muito sobre a Gesser, com aquele material da UFSC que todo mundo utiliza, mas o que eu sempre passo pros meus alunos e o que eu tomo como exemplo pra mim, é não ter uma metodologia fechada, até porque como eu relatei anteriormente eu tive minha primeira experiência foi com alunos que estão tendo uma perda auditiva gradativa, eles estão ficando surdos aos poucos né?! E agora eu to trabalhando com alunos

---

ouvintes de matemática que é a disciplina de Libras B que eu estou ministrando agora, então são alunos totalmente diferentes, se eu te falar que eu tenho uma metodologia fechada eu vou ta mentindo, vai se adequar muito ao meu público, vai depender de faixa etária, vai depender de condição social, de nível intelectual realmente de conhecimento, então eu não tenho uma metodologia fechada, eu procuro me adequar com os meus alunos mesmo, com a necessidade que eles tem e pela motivação que eles estão fazendo, o curso ou a disciplina e aí a gente vai de adequando aos pouquinhos.

---

Fonte: Dados coletados da entrevista

Dentro dos estudos a cerca da Língua de Sinais, Wilcox e Wilcox (2005) dizem que: embora nós não conheçamos nenhum programa em ASL (American Sign Language) baseado exclusivamente na abordagem comunicativa, acreditamos que muitos instrutores tenham procurado empregar essa abordagem dinâmica de forma inteligente em diversos momentos, principalmente quando pessoas Surdas são convidadas para a sala de aula. A empolgação evidente que é produzida quando um usuário simpático e dinâmico de ASL interage livremente com os alunos parece impulsionar enormemente a produção e compreensão dos estudantes da língua.

**Tabela 3 – Tópico: Comentários de alguns professores sobre aulas interativas.**

<b>Pessoa</b>	<b>Resposta</b>
<b>P1</b>	Dentro da sala tem o grupo que tem dificuldade e outro não, exemplo; esse grupo que tem mais dificuldade eu vou ensinar mais calmo, devagar, explico de novo até eles entenderem o significado. Já o outro grupo que ja sabe, vou pra prática, mais rápido. E juntos compartilham entre si.
<b>P4</b>	Sou flexível com mudanças se forem necessárias, por exemplo: sempre que é possível levo meus alunos para visitarem escolas que desenvolvem um trabalho com estudantes surdos como: Augusto Carneiro, André Vidal de Araújo, Fillipo Smaldone, só não o faço quando pego turmas no turno noturno, mas acho a visita técnica importante, uma vez que há um contato mais próximo com a realidade escolar de alunos surdos. Os acadêmicos ouvintes gostam e interagem bastante.

---

P6

Nós como professores, temos que ter o papel de mudança realmente, de estar em constante mudança, é o professor reflexivo mesmo em estar atento: *“poxa, esse método aqui não funcionou, vamos tentar essa abordagem aqui”* e ir se modificando com o tempo.

Fonte: Dados coletados da entrevista

Os participantes P2, P3 e P5, não teceram comentários a cerca desse tópico.

Vigotski (1998), pensa em termos de atividade para conferir significados às palavras, o que implica olhar para o seu uso dentro de um contexto interacional, uma vez que os seus significados são co-construídos pelos interlocutores na interação face a face. Em consonância com o mesmo autor, nas últimas décadas, a maioria dos estudos sobre o ensino e a aprendizagem entende que a interação constitui o principal meio para o desenvolvimento social e cognitivo do aluno, e para a aquisição da competência comunicativa em línguas. Esta, portanto, demanda aulas interativas e orientadas para o aluno, ou seja, onde ele é o ponto central da aula e (co)autor de sua aprendizagem para, dessa forma, poder se tornar um aprendiz autônomo, capaz de criar as suas próprias estratégias de aprendizagem.

Em consonância com o autor pesquisado, entendemos que aulas interativas requerem a motivação e vontade do aluno, uma atmosfera agradável e também um clima de confiança e atitudes como:

- 1) proporcionar aulas mais interativas, com as carteiras semi-circulares;
- 2) utilizar correções indiretas através de andamentos e perguntas norteadoras que levam o aluno a descobrir o que lhe era encoberto;
- 3) motivar os alunos a trabalharem de forma autônoma e expressarem a sua opinião de forma crítica;
- 4) não interromper e corrigir o aluno em conversa livre, diálogos e leitura, mas sim apenas ajudá-lo a seguir quando titubeia em tom de pedido de ajuda;

- 5) reconhecer o aluno como falante legítimo, ou seja, quando um aluno fala, a atenção dos demais deve direcionar-se para ele;
- 6) elogiar os avanços alcançados principalmente dos mais fracos e retraídos, e, por fim;
- 7) pesquisas no dicionário para correção do professor e alunos.

Em suma, aulas interativas requerem que a tradicional aula do dia a dia seja em grande parte substituída por trabalhos em dupla e em pequenos grupos, bem como motivação, engajamento e um espírito colaborativo por parte de todos (professor e alunos), visto que a comunicação e a aprendizagem são co-construídas, primordialmente, na e pela interação social, como por exemplo, o arranjo das cadeiras na sala de aula deve ser cuidadosamente considerado. A visibilidade é essencial para qualquer discussão em sala. As filas de cadeiras tão comuns nas salas de aulas típicas de qualquer universidade permitem apenas uma interação limitada (Hall, 1966). O instrutor de LIBRAS deve sugerir um arranjo de cadeiras mais interativo, fazendo com que os estudantes movam suas mesas em um semi-círculo ou em um círculo completo, antes que as atividades da aula se iniciem. Os alunos aprenderão rapidamente a rearranjar as cadeiras logo que entrarem na classe, pois saberão que a aula terá início assim que a visibilidade de todos esteja assegurada para melhor prática da língua.

Assim sendo, a responsabilidade de gerir e manter a motivação é do professor e dos alunos, tendo em vista, por exemplo, que a motivação do aluno diminui rapidamente quando ele perde o 'fio da meada', isto é, quando ele não consegue mais acompanhar os conteúdos, muitas vezes, em virtude de fatores pessoais como: vergonha, timidez, dificuldade em acompanhar o ritmo dos demais colegas, etc. Almeida Filho (2008), destaca a importância de uma postura comunicativa que, segundo o autor, demanda atitudes como:

- 1) atenção aos diferentes estilos de aprendizagem e às variáveis afetivas (como ansiedade, inibições e empatia com os povos e a cultura da língua-alvo). Ou seja, saber trabalhar com o tempo e respeito a cultura e crenças de cada um, assim como também as emoções isso vai permitir com que o aluno se sinta a vontade até criar vínculo com a comunidade predominante da língua alvo.

2) esclarecimento sobre o papel de apoio da língua materna na aprendizagem de outras línguas: é comum o aluno estando no processo de aprendizagem de uma L2 reter apenas aquilo que é semelhante e confortável para ele, porém no aprendizado de uma L2 é necessário ampliar horizontes, visto que o que se está aprendendo não diz respeito a uma língua semelhante e sim uma língua de outros povos, outras culturas e que exigirá um maior esforço para aprendê-la tanto em sua gramática, pronúncia e significado.

3) apresentação de temas do universo do aluno, em forma de problematização e ação dialógica focalizada no conteúdo dos textos: essa é uma forma de gerar interesse nos alunos, usar coisas do cotidiano do aluno como notícias, filmes, séries, diálogos, jogos etc. isso faz com que a aprendizagem de uma L2 seja mais prazerosa e prática, visto que ele estará praticando de acordo com os interesses que ele tem.

4) criação de condições para a aprendizagem consciente das regularidades linguísticas, especialmente quando o aluno solicita uma explicação: ou seja, fazer com que o aluno consiga acompanhar as aulas e que esta seja transmitida de forma linguisticamente de acordo com as condições dos alunos.

5) aceitação de exercícios mecânicos de substituição que embasam o uso comunicativo da língua, e, por fim: exercícios de repetição, diálogos, exercícios em livros, leituras, mesmo sendo mecânicos darão ao aluno maior suporte, permitindo-o fixar melhor o vocabulário.

6) o uso de uma terminologia acessível ao grupo, usando exemplos e palavras que os façam entender com clareza o que está sendo ministrado.

**Tabela 4 – Tópico: Como você se sente ao ensinar LIBRAS como L2?**

<b>Pessoa</b>	<b>Resposta</b>
<b>P1</b>	Eu gosto muito de ensinar Libras como L2 porque a minha função de ensinar ouvintes ou surdos é estimular o conhecimento, prática de aprendizagem. Eu gosto.

---

<b>P2</b>	Gosto muito
<b>P3</b>	É um sentimento bom eu gosto de ensinar.
<b>P4</b>	Como já disse na resposta acima, sinto-me satisfeita e sinto que meu trabalho é muito importante para a sociedade.
<b>P5</b>	Sinto um contentamento muito grande em poder ser mediadora desse conhecimento em sala de aula, é como se eu estivesse plantando sementinhas que futuramente mudarão a educação dos surdos em Manaus e quem sabe no Amazonas.
<b>P6</b>	<i>Eu gosto muito.eu to gostando muito de ministrar essa disciplina de Libras B a noite pros alunos de matemática, os alunos se demonstraram muito interessados com muita vontade de aprender e além do material que é passado em sala (dou aula dois dias na semana, a noite), então além desses dois dias, eles ficam a semana toda conversando no grupo mandando vídeos deles sinalizando, manda GIF (agora eles aprenderam a fazer GIF, eu ensinei eles a fazer), então eles ficam a semana toda buscando, procurando então assim, têm sido muito interessante pra mim o fato deles estarem tão interessados, porque tem muita gente que faz a disciplina por exemplo, por fazer, porque acha que é uma optativa fácil e que vão passar né? E o retorno que eu to tendo dos meus alunos não é esse eles tão realmente interessados e tão gostando realmente de aprender não só a língua (que não é o foco da disciplina, o foco da disciplina é passar um pouco da cultura, das metodologias pra trabalhar caso você vai ter um aluno surdo na sua sala, então é conscientizar, então essa consciência eu tenho certeza que os meus alunos estão criando e isso me deixa muito feliz.</i>

---

Fonte: Dados coletados da entrevista

Em relação à motivação, os estudos sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, em geral, apontam as escolhas metodológicas do professor como sendo o principal fator para gerir e manter a motivação dos alunos em contextos formais de aprendizagem. Além do papel dessas escolhas, precisamos ter em mente que fatores pessoais como as expectativas, o auto-conceito, a personalidade e o entusiasmo de professores e alunos se influenciam mutuamente e podem aumentar ou diminuir a motivação de ambos, bem como influenciar os seus estilos de ensino e aprendizagem.

Em outras palavras, a motivação é co-construída na e pela interação social e, portanto, o engajamento e as atitudes dos alunos também podem influenciar a motivação do professor. Por exemplo, ao demonstrar interesse nas atividades e prestar atenção nas explicações, os alunos aumentam o entusiasmo e a motivação do professor; já a falta de atenção, interesse e engajamento dos alunos podem afetar a motivação e o estilo de ensinar e interagir do professor, o que se refletirá na motivação dos alunos.

**Tabela 5 – Tópico: Qual a dificuldade de ensinar Libras como L2 para surdos? Qual a dificuldade de ensinar Libras como L2 para ouvintes?**

Pessoa	Resposta
P1	<p>Eu ensino ouvinte, pra mim não tem dificuldade porque eu falo e também mostro a imagem pra ensinar, eles aprendem rápido pra mim. Então o ouvinte pra mim aprende mais rápido porque vê, é visual e também sabe qual é a palavra. Já o surdo, a maioria não sabe a palavra, nem o sinal da palavra, é um problema, mas também tem outros surdos que sabem a palavra, é melhor, aprende mais rápido.</p>
P2	<p>Tive o privilégio de trabalhar em uma escola bilíngue para surdos em Goiânia, na Escola Elysio Campos, durante cinco anos. Neste período tive a oportunidade de colocar em prática nas séries iniciais e também do 6° até 2° ano do ensino médio, o que tinha aprendido no Letras Libras. Ministrei a gramática da Libras e também algumas histórias da Literatura Surda, a única dificuldade que tive foi, quando fazia perguntas específicas em relação de termos novos e na hora deles exporem suas opiniões de forma crítica sobre um determinado assunto, travavam, não conseguiam nem em sua L1 e nem na L2. Mas sabemos que tudo isso irá depender da fase de aquisição de língua deste determinado aluno. Vale ressaltar que a Libras é a língua natural dos surdos, então fluía rapidamente. Já para ouvintes não tenho dificuldades, pois sempre utilizei várias estratégias de conversação e interação entre os alunos e professor.</p>
P3	<p>É engraçado que eu percebo que os ouvintes têm mais dificuldades para aprender Libras, eu comparo, porque já ensinei a L2 para surdos oralizados e eles aprendem mais rápido. Se tiver um surdo oralizado dentro da sala de</p>

---

aula eu sinalizo, uso imagens dou exemplo, não tem problema nenhum.

Infelizmente, ainda não tive a oportunidade de ministrar LIBRAS para pessoas surdas na UFAM.

**P4**

Para ouvintes, penso que as dificuldades que possam surgir acabam sendo minimizadas ou pouco ressaltadas devido à boa receptividade dos acadêmicos para com a LIBRAS. Eles gostam muito, tem boas expectativas, interagem, participam e desenvolvem as atividades propostas. A carga horária dificulta um pouco, mas esse pouco tempo, tento transformar em qualidade

Não tenho experiência na área de ensino de Libras como segunda língua para surdos.

**P5**

Para ouvintes, a maior dificuldade na Ufam, na minha opinião é a carga horária da disciplina 60h, pois quando o aluno começa a se interessar a disciplina acaba, penso que poderia haver mais disciplinas de Libras II e III como optativa para as Licenciaturas.

Para surdos, eu tive a experiência, não com surdos ainda, mas com pessoas que estavam perdendo a audição. E assim, eu não encontrei grandes dificuldades até porque eles não tinham contato com a língua, eu creio que eu teria dificuldade se fosse um curso mais avançado, talvez eu teria encontrado mais barreiras, mas como os meus alunos, como pessoas eram ótimas pessoas e como alunos eram extremamente aplicados, porque tinham realmente a necessidade e o desejo de aprender, eu não encontrei muitas barreiras não. Mas creio eu que, como professora ouvinte talvez um dos problemas que eu poderia ter encontrado, poderia ser o fato do aluno surdo não aceitar que eu como ouvinte estivesse ensinando a ele (que já aconteceu essa situação de pensar que nós ouvintes estamos tomando o lugar dele, ou que eu como ouvinte não teria nada pra ensiná-lo), mas eu nunca tive nenhum problema relacionado a isso até porque eu nunca trabalhei realmente com surdos diretamente

**P6**

Para ouvintes, uma das maiores dificuldades, é a produção dos alunos, porque eles fazem muito português sinalizado sabe, eles estão com aquela estrutura do português na cabeça e é difícil pra eles mudar a ordem, na Libras que a gente sabe que é uma ordem diferente, então, eles adquirem os sinais a parte dos sinais mesmo eles conseguem pegar muito bem mas na hora de produção de frases e texto é aí que a gente encontra barreira e

---

a gente fala: *“olha, tenta assim... a Libras é flexível, ela vai mudar a ordem, tenta desse jeito, assim fica melhor”* e o aluno *“ahh mas por que que numa frase é de um jeito e em outra frase é de outro jeito?”* e eu digo *“então, é isso que eu to falando, a Libras é uma língua flexível, ela não tem uma ordem igual do português certinha pra ser falada né?”* então ela vai mudando. A maior dificuldade é essa, é o aluno mudar de pensamento e conseguir começar a produzir mesmo em Língua de Sinais e não o português sinalizado.

---

Fonte: Dados coletados da entrevista

Este entendimento constitui um dos avanços mais significativos da abordagem comunicativa, porque a recriminação de erros pode afetar o auto-conceito e a coragem dos alunos para aplicar os conteúdos aprendidos, e, sem erros, não há aprendizagem. Ademais, os erros oriundos da falta de conhecimento e respeito com as diferenças e semelhanças interculturais (comportamentos sociolinguísticos, concepções e valores acordados nas culturas em contato), em geral, constroem mais do que os erros linguísticos, o que nos leva a outra abordagem tão importante quanto à comunicativa, a abordagem intercultural.

### 2.3 ABORDAGEM INTERCULTURAL

Nos anos de 1980 os métodos comunicativos estavam imperando no que diz respeito ao ensino de línguas. Porém alguns autores começaram a preocupar-se com aspectos culturais relacionados à língua-alvo como: história, cultura, os usuários da língua etc. Segundo Oliveira (2014) em seu livro intitulado “métodos de ensino de Inglês” a abordagem intercultural foi resumida por Krashen (2002: 201) como: “as principais facetas da interação humana que a comunicação intercultural ajudou a definir”:

(1) A situação de comunicação propriamente dita, por exemplo: os papéis socialmente convencionalizados e adotados pelos participantes, as normas esperadas de interação e interpretação, o modo como elas constroem um senso compartilhado de realidade;

- (2) Os estereótipos que eles possuem um do outro, como indivíduos e como membros de um grupo social;
- (3) Seu comportamento não verbal e paraverbal;
- (4) A maneira como eles resguardam o respeito e a reputação de si próprios e dos outros;
- (5) A maneira como eles estruturam o discurso para atingir suas metas comunicativas;
- (6) As atitudes, os valores e as crenças (também chamados de “discursos”) que eles compartilham com o grupo social ao qual pertencem;
- (7) A maneira como sua língua reflete discursos mais profundos;
- (8) A maneira como os membros de diferentes grupos realizam variados atos de fala (como, por exemplo, cumprimentos, pedidos e desculpas).

**Tabela 6 – Tópico: Comentários de alguns professores sobre conceito de cultura surda:**

Pessoa	Resposta
P1	A primeira coisa que eu sempre mostro é teoria, história, como é a surdez, como que é a história.
P6	... Eles (os alunos) tão realmente interessados e tão gostando realmente de aprender não só a língua (que não é o foco da disciplina, o foco da disciplina é passar um pouco da cultura, das metodologias pra trabalhar caso você vai ter um aluno surdo na sua sala, então é conscientizar, então essa consciência eu tenho certeza que os meus alunos estão criando e isso me deixa muito feliz.

Fonte: Dados coletados da entrevista

Os participantes P2,P3,P4 e P5 não teceram comentários sobre esse tópico.

## 2.4 ABORDAGEM BASEADA EM TAREFAS

Como o próprio nome já diz essa abordagem é feita em várias etapas. Essa abordagem surgiu a partir de um projeto de ensino de inglês desenvolvido por Prabhu na Índia, entre 1979 e 1984, esse projeto baseia-se em tarefas.

Jane Willis define tarefa como sendo uma atividade “na qual os aprendizes usam quaisquer recursos que possuem na língua-alvo para resolver um problema, solucionar um enigma ou compartilhar e comparar experiências” (Willis, 1996: 23)

A aprendizagem baseada em tarefas oferece uma alternativa para professores de línguas. Em uma aula baseada em tarefas o professor não pré-determina que parte da língua será estudada, a aula é baseada em torno da conclusão de uma tarefa central e a língua estudada é determinada pelo que acontece à medida que os alunos a completam. A lição segue algumas etapas:

### **- Pré-tarefa**

O professor introduz o tema e dá aos alunos instruções claras sobre o que terão de fazer na fase tarefa e pode ajudá-los a recordarem alguma linguagem que pode ser útil para a tarefa. A fase pré-tarefa também pode muitas vezes incluir a escuta de uma gravação com outras pessoas fazendo a tarefa. Isto dá aos estudantes uma ideia clara do que se espera deles. Os alunos podem tomar notas e passar algum tempo preparando-se para a tarefa.

### **- A tarefa**

Os alunos concluem uma tarefa em pares ou grupos utilizando os recursos de linguagem que possuam enquanto o professor monitora e incentiva.

### **- O planejamento**

Os estudantes preparam um curto relato oral ou escrito para dizer à classe o que aconteceu durante a sua missão. Eles, então, praticam em grupos o que vão dizer. Durante isso, o professor mostra-se disponível para os estudantes pedirem conselhos e para esclarecer quaisquer dúvidas de linguagem que possam ter.

### **- O relato**

Os alunos, em seguida, informam a classe oralmente ou leem seu relato escrito. O professor escolhe a ordem em que os alunos irão apresentar os seus relatos e pode dar-lhes um feedback rápido sobre o conteúdo. Nesta fase, o professor também pode tocar uma gravação de outras pessoas fazendo a mesma tarefa para que os alunos a comparem.

### **- A análise**

O professor destaca partes relevantes do texto da gravação para os alunos analisarem. Ele pode pedir aos alunos para observarem características interessantes dentro do texto. O professor pode também destacar a linguagem que os alunos utilizaram durante a fase relato para análise.

### **- A prática**

Por fim, o professor seleciona áreas de linguagem para a prática baseada nas necessidades dos alunos e que emergiram das fases tarefa e relato. Os alunos, em seguida, fazem exercícios práticos para aumentar a sua autoconfiança e tomam nota da linguagem útil.

## **2.5 ABORDAGEM LEXICAL**

Começou na década de 1990 por Michael Lewis, pois acreditava que o ensino no modo PPP<sup>3</sup> não era suficiente para o uso comunicativo. O elemento da língua que pode ser suscetível ao ensino PPP não passa de uma parte pequenina e periférica da língua necessária para o uso comunicativo” (Lewis, 1993).

Lewis não concordava com a importância dada as estruturas gramaticais no ensino de línguas estrangeiras

Em toda a sua obra permeia a ideia de que “a língua consiste de léxico gramaticalizado, não de gramática lexicalizada”. Ou seja, Lewis afirma nesta simples sentença que a base de uma língua é o seu vocabulário e não a sua estrutura gramatical como regras, contexto, tempos verbais etc. Em outras palavras, ele declara que um dos maiores “erros” no ensino de uma segunda língua é ter como verdade absoluta o fato de que adquirir conhecimento gramatical (explícito -

---

<sup>3</sup> Projeto Político Pedagógico

metalinguagem e estruturas) em conjunto com algumas palavras isoladas seja o suficiente para uma efetiva comunicação e aquisição de fluência da língua alvo. Vale ressaltar que ao contrário do que pensam muitas pessoas, a abordagem lexical não foi concebida para tomar o lugar das demais abordagens existentes. Quando bem compreendido e inserido em um curso de idiomas simplesmente auxilia as demais. Oferece ao professor maior possibilidade de ensinar determinado assunto. Tornando a aquisição do Léxico (vocabulário) algo mais dinâmico, prático e significativo tanto para o aluno quanto para o professor.

**Tabela 7 - Tópico: Qual o material utilizado em sala de aula?**

Pessoa	Resposta
P1	Material de data-show, Power Point, pincel, quadro
P2	Usávamos Libras em contexto e as apostilas da Instituição que eram do curso básico I, II, III e IV até o nível V avançado. Depois com a graduação de Biologia e Letras Libras pode usar o conhecimento adquirido na Licenciatura e nos autores voltados para o ensino de Libras como, Ronice, Gesser, Nelson e outros.
P3	Uso apostila que eu mesmo faço, com imagem e sinais que explicam como começar a aprender as frases, a gramática, eu mesmo faço pra ensinar I2. Essa é a minha metodologia. Na minha base teórica eu uso Ronice Muller, Capovilla, tem vários, dependendo da situação eu escolho.
P4	Materiais variados como por exemplo: data-show, notebook, textos para reflexão, vídeos com diálogos, músicas, teatro, poesia, lousa, pincel e o material humano também, pois sempre que é possível convido uma pessoa surda para ministrar uma palestra e contar um pouco de sua história de vida, tento proporcionar momentos de interação dos acadêmicos ouvintes com uma pessoa surda.
P5	Minha base de trabalho para ministrar a disciplina de LIBRAS A/B para os acadêmicos das diferentes Licenciaturas da Ufam sempre foram as referências no Projeto Político Pedagógico do Curso – PPC de cada curso de Licenciatura, que muitas vezes variavam de um curso para o outro, porém em 03/11/2017 o Núcleo Docente Estruturante – NDE do curso de Licenciatura em Letras Libras decidiu por uma emente única para ministração da disciplina de Libras A/B em todas as Licenciaturas conforme documento em anexo. Quanto aos materiais:  Material impresso: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Libras em contexto: curso básico, Libras?: que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda, Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos, A surdez, um olhar sobre a diferença, As imagens do outro sobre a cultura surda, Lei 10.098/2000, Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005.

Material em vídeo: Vários materiais em vídeos com surdos sinalizando são utilizados nas aulas os gêneros são variados: poesia, surda, piada surda, documentários com pessoas surdas, entrevistas com surdos dentre outros. Para trabalharmos no contexto regional disponibilizamos o vídeo que foi criado a partir da dissertação de Debora Arruda.

Pesquisas nos repositórios: <https://culturasurda.net> e <http://tvines.org.br/>

P6

Olha?! Material de autoria própria, porque a gente sabe que existem algumas apostilas prontas, até quem já foi aluno de curso de Libras, a gente sabe que tem muito professor que desenvolve o seu próprio material então, tanto no curso que eu fazia, quanto na disciplina eu desenvolvi meu próprio material e aí as minhas fontes eram bem variadas, algumas coisas aqui mesmo do Letras – Libras que eu já tinha tido acesso, as fotos dos sinais eram minhas, sou eu sinalizando, né?! É a minha carinha que ta ali estampada, os textos muitas das vezes são embasados em textos acadêmicos só que em se tratando do Libras Básico que eu tava ministrando em outubro, com uma linguagem mais simplificada porque era pro curso básico, não era nada acadêmico, já o material que eu to utilizando com os alunos de matemática são livros realmente da área que eu passo pra eles lerem e é o que a gente discute dentro da sala de aula é assim, desenvolvimento de apostila, vídeos e materiais de produção própria realmente.

Fonte: Dados coletados da entrevista

No ensino da Língua Brasileira de Sinais, podemos também ressaltar que é muito importante os materiais utilizados para que a comunicação lexical flua com mais propriedade e entendimento. Segundo Wilcox e Wilcox (2005): Para as aulas serem eficientes, devem ter conteúdos disponíveis em gravações de vídeo de alta qualidade e aparelhagem para utilizá-las. Além disso, o programa deve ter um laboratório de línguas para uso de vídeo equipado com uma boa coleção de vídeos sobre cultura Surda e Língua de Sinais para que os alunos possam assistir fora das aulas, ou seja, o uso de data show para transmissão de vídeos, computadores para pesquisas, cartões e textos que abranjam a língua e a cultura.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada primeiramente a escolha do tema em questão, quando estudada a disciplina de Linguística Aplicada, durante a graduação no Letras Libras, como atividade final de avaliação da disciplina foi um artigo cujo tema era de livre escolha, visto que a Linguística Aplicada é transdisciplinar e abrange diversas ramificações, surgiu então o desejo de desenvolver uma pesquisa a cerca de metodologias como L2 e esse foi o primeiro contato com o método comunicativo.

Com o decorrer do tempo estudando diferentes metodologias, o método comunicativo foi o que impulsionou a formulação desta pesquisa, por ser bastante completo, ele abrange diferentes abordagens que suprem diferentes áreas. No período seguinte estudando a disciplina de Metodologias para o ensino de Libras como L2 o desejo em estudar essa área se tornou mais vivo, pois na época não tinha tanta experiência de como deveria se portar um professor diante de uma turma e como deveria exercer sua função da melhor forma, principalmente desenvolvendo aulas que gerem maior interesse nos alunos, porém com a disciplina houve então a oportunidade de observar instituições de ensino e verificar como o professor de Libras daquele determinado lugar regia a aula de língua de sinais. O método comunicativo estava muito presente da prática de ensino aprendizagem da Libras como L2 durante as observações em sala e assim surgiu um desejo maior em finalizar essa graduação, aprofundando na pesquisa algo que me intrigou durante algum tempo.

O primeiro desejo foi realizar uma pesquisa bibliográfica, fazendo diálogo com vários autores. Segundo Gil (2008): a pesquisa é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Então através de pesquisas, o trabalho buscou argumentos de diversos autores como: Gesser (2010), (Oliveira 2014), (Souto 2014), (Spinassé 2006) e (Vigotski 1998).

A pesquisa não estaria completa se não houvesse a prática e a vivência dos professores de L2, então a partir para uma nova abordagem a pesquisa se tornou mais completa. A abordagem escolhida foi qualitativa. Surgiu uma questão: por que não entrevistar alguns professores e lhes perguntar o que acham dos métodos comunicativos e como usam em sala? Esta escolha de abordagem para esta pesquisa parte do princípio apresentado por Chizzoti:

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTI, 2000, P. 79)

No decorrer da pesquisa os planos de pergunta-lhes o que acham sobre o método comunicativo não foram bem esses, mas a ideia de entrevistá-los permaneceu viva, assim se sucedeu, pra complementar o que estava em andamento, houve mudanças nos planos e as perguntas não seriam mais a opinião dos professores a cerca do método comunicativo e sim pergunta-lhes como são dadas as aulas de Libras como L2, quais materiais e estratégias são usados, quais as atividades são feitas e assim, através de suas respostas encontrar ou não implicitamente as abordagens existentes dentro desse método.

Como dito anteriormente a visão a cerca da pesquisa é unir teoria e prática vivenciadas por professores de Libras como L2 e isso foi possível através de uma entrevista semi-estruturada. Haguette (1995) diz que a entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central. Para a entrevista a problemática central foi a cerca de metodologias para o ensino de L2. A escolha da entrevista semi-estruturada foi feita pelo maior aproveitamento de informações, visto que o entrevistado está livre para contar parte de suas experiências.

Foi escolhida a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, para aplicação da pesquisa visto que é uma instituição de ensino que tem disciplinas de Libras A/B. os professores escolhidos são surdos e também ouvintes, eles agregam o corpo docente de Letras – Libras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, todos os professores são licenciados, alguns são especialistas, mestres e doutores, aptos a ensinarem dentro da Universidade, seja no curso de Letras – Libras ou nos demais cursos com disciplinas de Libras A/B. Esta escolha se deu por suas vastas experiências em ensinar alunos ouvintes de cursos de Licenciaturas e demais cursos ofertados pela instituição. No total seis entrevistas foram feitas individualmente de diferentes formas, alguns professores optaram por me enviar uma entrevista escrita, outros através de vídeos e ainda outros por meio de áudio, procurei resguardá-los não colocando nomes nas pesquisas apenas nomeando-os como P (professor) 1, 2, 3, 4 e assim sucessivamente.

Os participantes da pesquisa não são apenas números em uma tabela e sim pessoas que são co-responsáveis pelo processo de criação e recriação de

conceitos, opiniões e conhecimentos, então a abordagem qualitativa responde a necessidade dessa pesquisa.

Depois de todas as entrevistas feitas, houve uma coleta dos dados das entrevistas, onde há um link das respostas dos professores em tabelas, fazendo correspondência ao que está sendo discutido entre os autores a cerca o método comunicativo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com o decorrer das leituras e elaboração deste trabalho, respondemos a pergunta feita no início: será que o método comunicativo supriria tamanha necessidade de aulas interativas e eficazes para o ensino aprendizagem da Libras como L2?

Segundo Williams e Burden (1997) o aprendizado de línguas é diferente de qualquer outro aprendizado devido a sua natureza social e comunicativa. Aprender uma língua envolve comunicação com outras pessoas e isso requer não somente as habilidades sociais e comunicativas, ou seja, o indivíduo organiza seu mundo de uma maneira única.

Podemos perceber ainda mais como o método comunicativo é um método completo e importante para o ensino de uma segunda língua e principalmente para o ensino da Libras, pois visa o aprendizado centrado no aluno, não em termos de conteúdo, mas em técnicas usadas em sala de aula, as competências comunicativas voltadas para as competências gramaticais, sociolinguísticas, discursivas e estratégicas.

Recapitulando os objetivos propostos nessa pesquisa que eram: apresentar o Método Comunicativo como uma forma eficaz para o ensino aprendizado da Libras como L2 e narrar as estratégias usadas dentro de sala de aula pelos professores do corpo docente de Letras-Libras, com as abordagens apresentadas dos métodos comunicativos dentro da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Podemos analisar os resultados alcançados com o decorrer dela que foram: o conteúdo a cerca do método comunicativo foi exposto e explanado, contendo vários autores e dialogando entre os mesmos, além disso vimos também que algumas abordagens

do método comunicativo tem sido usada pelos professores mesmo que de forma implícita.

Por mais que os objetivos tenham sido alcançados, essa pesquisa pode ser mais aprofundada, com entrevistas com professores de Língua de Sinais como L2 nas diferentes Universidades Federais do Brasil, mostrando que o método comunicativo é usado de forma eficaz devido suas várias abordagens que torna o aprendizado da Libras completo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho desenvolvido buscou observar como o Método Comunicativo auxilia os professores de Libras A/B dentro da Universidade Federal do Amazonas. Sabemos que dentro de sala há uma grande responsabilidade em ser professor e como foi dito até aqui a importância de se dar uma aula produtiva, geram grandes resultados e objetivos alcançados. E como o Método Comunicativo pode auxiliar os professores em sala de aula?

O método comunicativo tem em comum como característica – o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira. O ensino comunicativo organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua/alvo para realizar ações de autênticas na interação com outros falantes-usuários.

Em uma visão ampla sobre o que estudamos até aqui, podemos dizer que o Método Comunicativo é útil e essencial para o ensino aprendizagem da Libras. Afinal, existe um único modo correto de se ensinar uma língua? Para esse estudo podemos afirmar que não. Cada professor quando se dispõe a estar diante de uma sala de aula usa estratégias e Metodologias (sejam de abordagem ou contínua) da forma que sente ser mais apropriada para aquela turma. Como vimos à cima, com as perguntas feitas aos seis docentes do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, não há um único método usado, ainda mais em ensino de Língua Brasileira de Sinais, não importa se sendo ensinado para alunos ouvintes ou surdos e o método comunicativo é apoio para um melhor

desenvolvimento em sala de aula visto que ele é usado pelos professores mesmo que de forma inconsciente, pois favorece na aprendizagem visto que foca na comunicação.

A pesquisa foi usada como Trabalho de Conclusão de Curso e atingiu os objetivos propostos delimitado, onde foi possível analisar o método comunicativo em contraste com o que é aplicado em sala de aula. Isso permite com que a aula seja mais dinâmica tanto para os alunos quanto para os professores.

É importante ressaltar profunda gratidão aos professores colaboradores, entendendo-os como incentivadores de pesquisas na área da Língua Brasileira de Sinais que têm se desenvolvido a cada dia com novos estudos. Almejo que esse trabalho possa contribuir para outras pesquisas a cerca do ensino aprendizado da Língua Brasileira de Sinais não apenas nas licenciaturas da Universidade como também para cursos livres de Libras e professores da área em geral.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. D. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

BERBER SARDINHA, Tony. 2004. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Manole.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Acesso em: 22 de agosto de 2018.

\_\_\_\_\_. Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Art. 28 Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Acesso em: 22 de agosto de 2018.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ELLIS, R. 1994. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press.

GESSER, Audrei - **Método de ensino em Libras como L2** – Florianópolis: UFSC, 2010.

LEWIS, M. **The lexical approach: the state of ELT and the way forward**. England: Language teaching Publication, 1993.

OLIVEIRA, et al, 1964- **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias/ Luciano Amaral Oliveira – [1 ed] – são Paulo : parábola, 2014**

RICHARDS, Jack. C. & RODGERS, Theodore. S. **Approaches and methods in language teaching**. 2nd edition, 2001.

SOUTO, et al – **Conceito de língua estrangeira, língua segunda, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua transnacional** – philologus : rio de janeiro, 2014

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SPINASSÉ, Karen, Pupp – **Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil** – revista contingencia: rio grande do sul, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2002. v. 2.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. de José Cipolia Neto; Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. **Aprender a Ver**. Petrópolis: Editora Arara Azul. Tradução: Tarcício de Arantes Leite. 2005.

## APÊNDICES

- Entrevista

**Entrevista para o TCC:  
Métodos Comunicativos como prática de ensino-aprendizagem dos  
docentes de Libras como L2 da Universidade Federal do Amazonas –  
UFAM.**

Discente: Joana Karoline Barros Valentim

Docente: \_\_\_\_\_

1. Quando começou a ensinar Libras como L2? Relate um pouco da sua experiência.
2. Qual a metodologia que você utiliza para ensinar LIBRAS como L2? Quais são suas bases teóricas?
3. Como você se sente ao ensinar LIBRAS como L2?
4. Qual a dificuldade de ensinar Libras como L2 para surdos? Qual a dificuldade de ensinar Libras como L2 para ouvintes?
5. Qual o material utilizado?

## ANEXOS

- Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

AO SR. (A) \_\_\_\_\_

Ao convidar você a participar da pesquisa Métodos Comunicativos como práticas de ensino-aprendizagem dos Docentes de Libras como L2 da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, realizada como exigência para avaliação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC , do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, que está sendo realizada por Joana Karolins Barros Valentim e orientada pela Profª Esp. Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira, esclarecemos que:

- A sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário, cujo objetivo geral é investigar se os métodos comunicativos auxiliam ou não no ensino Libras como L2.
- O(a) pesquisador(a) garante que não há riscos de qualquer natureza para os participantes desta. Você poderá, em qualquer etapa do estudo, ter acesso ao pesquisador(a) responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas. Se desejar, pode entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Joana Karoline Barros Valentim pelo telefone 992965628 ou pelo e-mail jkbvalentim@gmail.com. É garantida a liberdade da retirada de seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo.
- As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as dos demais participantes, não sendo divulgada a identificação dos mesmos. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação.
- O(a) pesquisador(a) se compromete em utilizar os dados coletados para divulgação nos meios acadêmicos e científicos, de forma consolidada, sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes, garantindo o princípio de confidencialidade.

Concordo, voluntariamente, em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidades ou prejuízo.

Manaus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

-----  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
**Nome do(a) Pesquisador**

Responsável pelo estudo

Data: \_\_/\_\_/\_\_